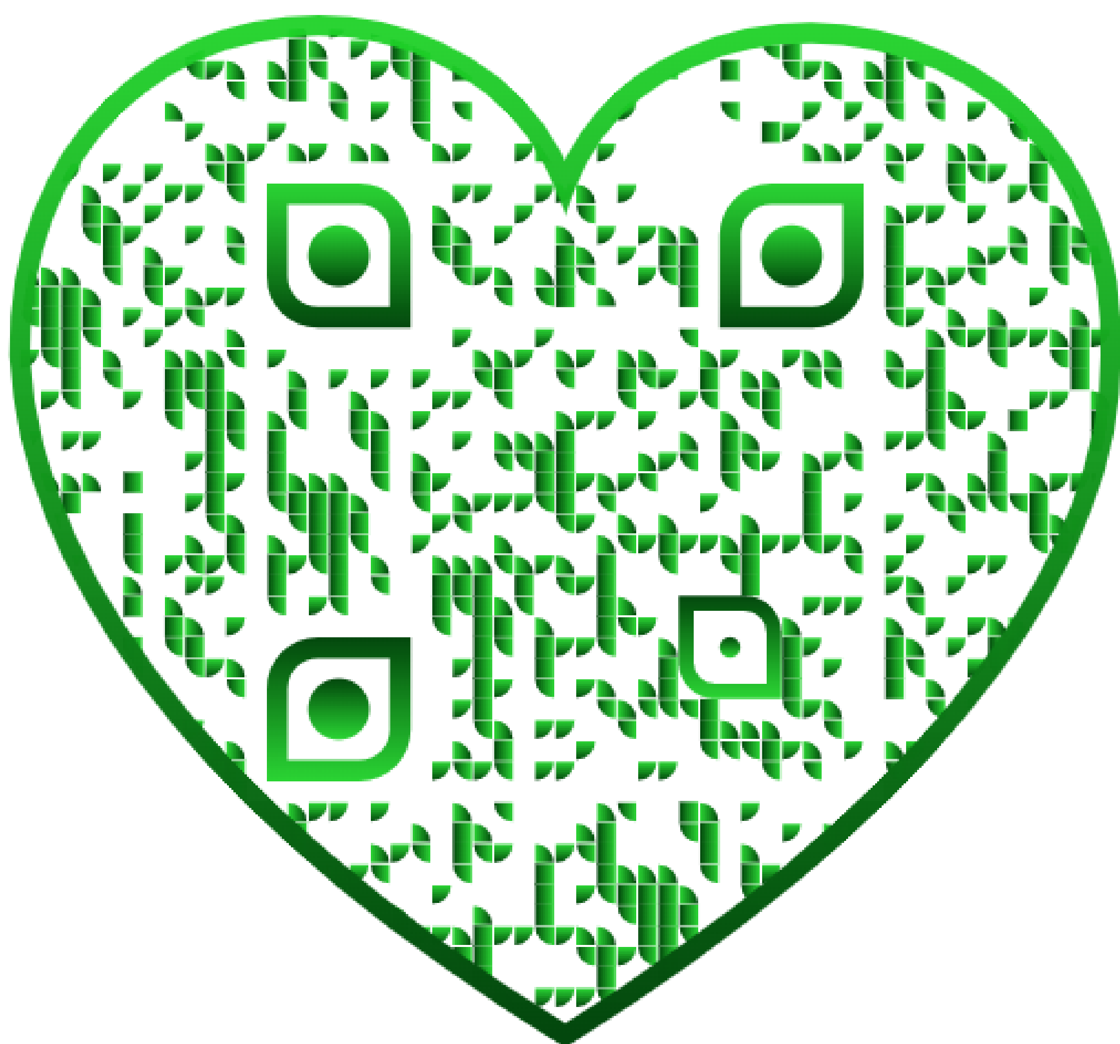
A pipa e a flor



RUBEM ALVES
MAURICIO DE SOUSA





Meninos e meninas,

Eu me chamo Rubem Alves. Sou um contador de estórias. Essa que você vai ler, *A pipa e a flor*, fui eu quem escreveu e sou eu quem está contando.

Agora imagine que o livro é um palco de teatro. Nesse palco tudo é inventado, tudo é de mentirinha... É nesse mundo de mentirinha que os personagens existem, também de mentirinha. Por exemplo: pedi o Cebolinha e a Mônica emprestados ao Mauricio de Sousa para representar de mentirinha personagens que inventei. É só no mundo do faz de conta, nesse teatro que é o livro, que eles podem ser outros. Na vida real, os atores, o Cebolinha e a Mônica, continuam a ser quem eles são.

Assim, agora que você vai começar a leitura, imagine que está num teatro. Abrem-se as cortinas... Um mundo de faz de conta vai aparecer...



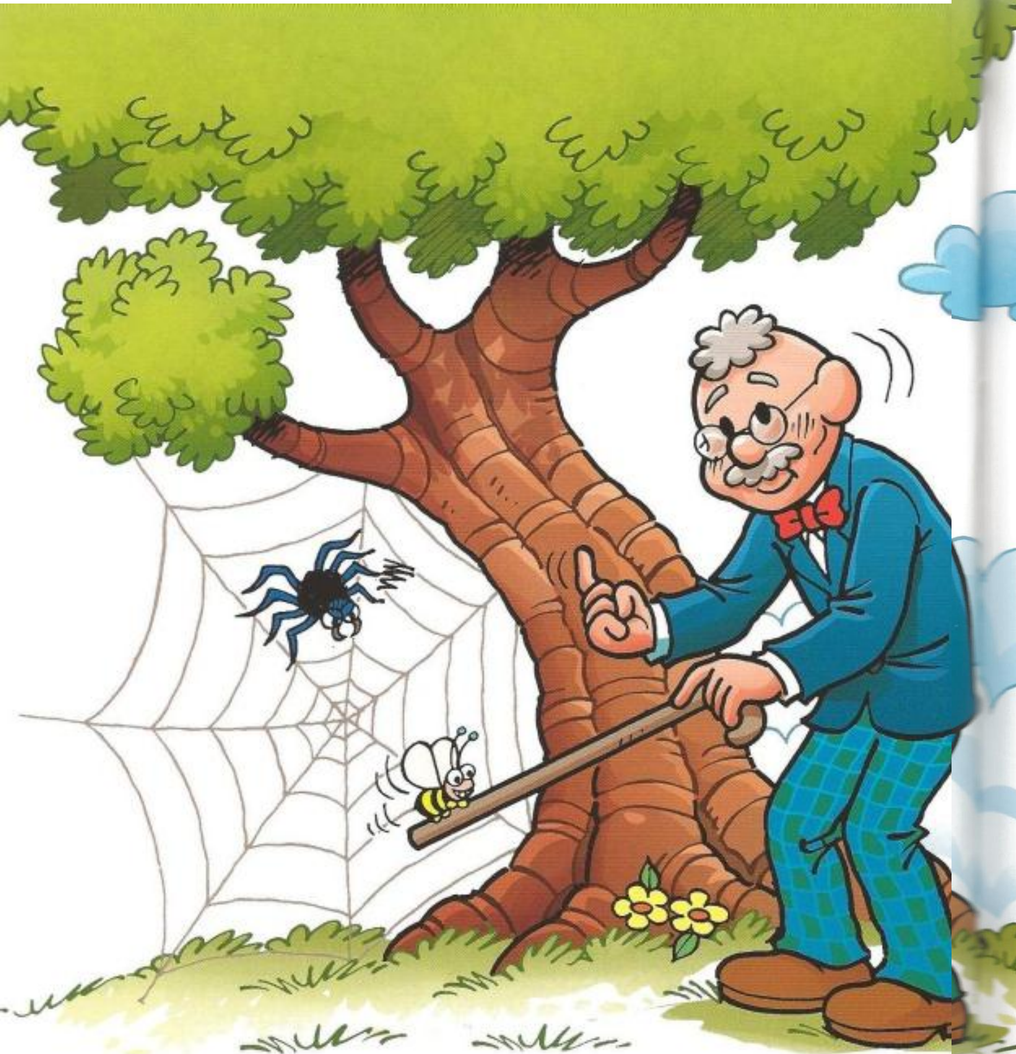
Para o adulto que for ler esta estória para uma criança

Um livro é a porta por onde se entra no mundo encantado. O mundo encantado é onde moram as coisas que não existem. A prova de que as coisas que não existem existem no mundo encantado está no poder que elas têm de fazer coisas com a gente. Por causa da estória que acontece no mundo encantado, a gente ri e chora...

Este livro aconteceu no mundo das coisas que não existem. É uma estória de amor: uma pipa que se apaixonou por uma flor, e uma flor que se apaixonou por uma pipa. Mas elas se apaixonaram de maneiras diferentes. A pipa gostava de voar, a flor gostava de abraçar. Leia o livro para saber como terminou esse amor desencontrado.



Um dia, passeando pelo parque, fiquei triste ao ver uma pipa enroscada no galho da árvore. Rasgada, ela girava que girava, ao vento, como se quisesse escapulir.



Mas não adiantava. Parecia aqueles bichinhos de asas, quando caem em teia de aranha...



Tive dó. Pipa não foi feita para acabar assim. Pipa foi feita para voar. E é tão bom quando a gente as vê, lá no alto...

Eu sempre tive vontade de ser uma pipa. Bem leve, sem levar nas costas nada que pese (o que é pesado puxa a gente para baixo...). Papel de seda, taquara fina que enverga, mas não quebra, linha forte, um pouquinho de cola e pronto! Lá está a pipa, pronta para voar.



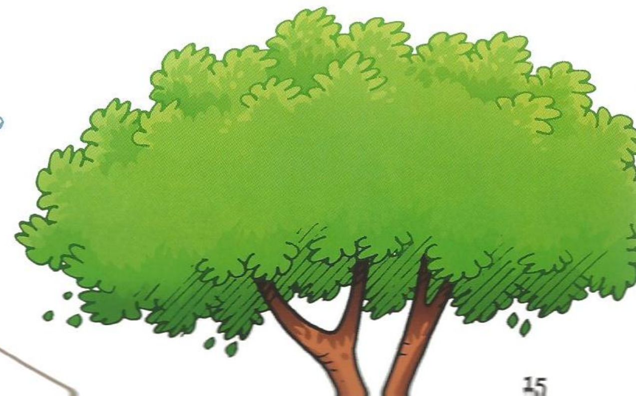


As cores e as formas, que são tantas, a gente pode consultar o coração e ver o que ele prefere. Pipa, para ser boa, tem de ser igualzinha a que está na imaginação.
Fico até pensando que as pessoas, para ser boas, precisam ter uma pipa muito colorida solta dentro de si...



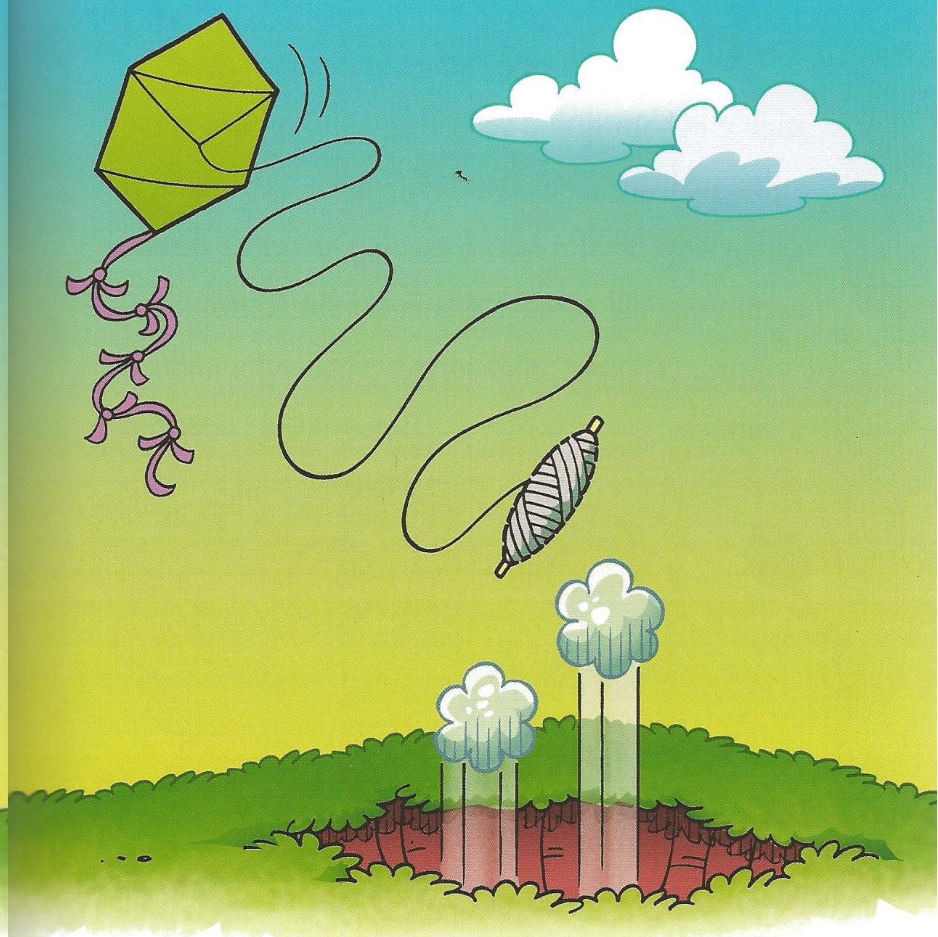


Pipa boa não precisa de vento forte. Uma brisa mansinha deve chegar para levá-las até lá em cima, perto das nuvens. É por isso que elas têm de ser bem leves. O vento chega, as folhas das árvores tremem, e lá vão elas subindo, para dentro do vazio do céu...



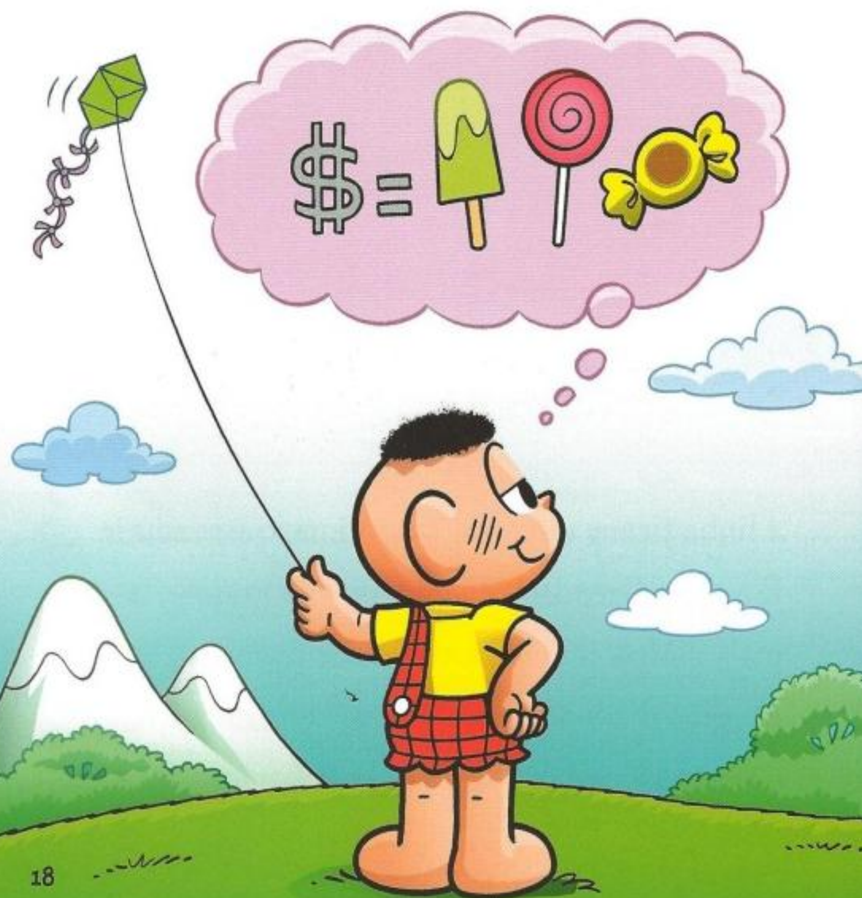


Só que tem uma coisa muito gozada. Pipa, para subir, tem de estar amarrada na ponta de uma linha. E a outra ponta é uma mão que segura. É assim que a pipa conversa, através da linha. A mão puxa a linha e sente



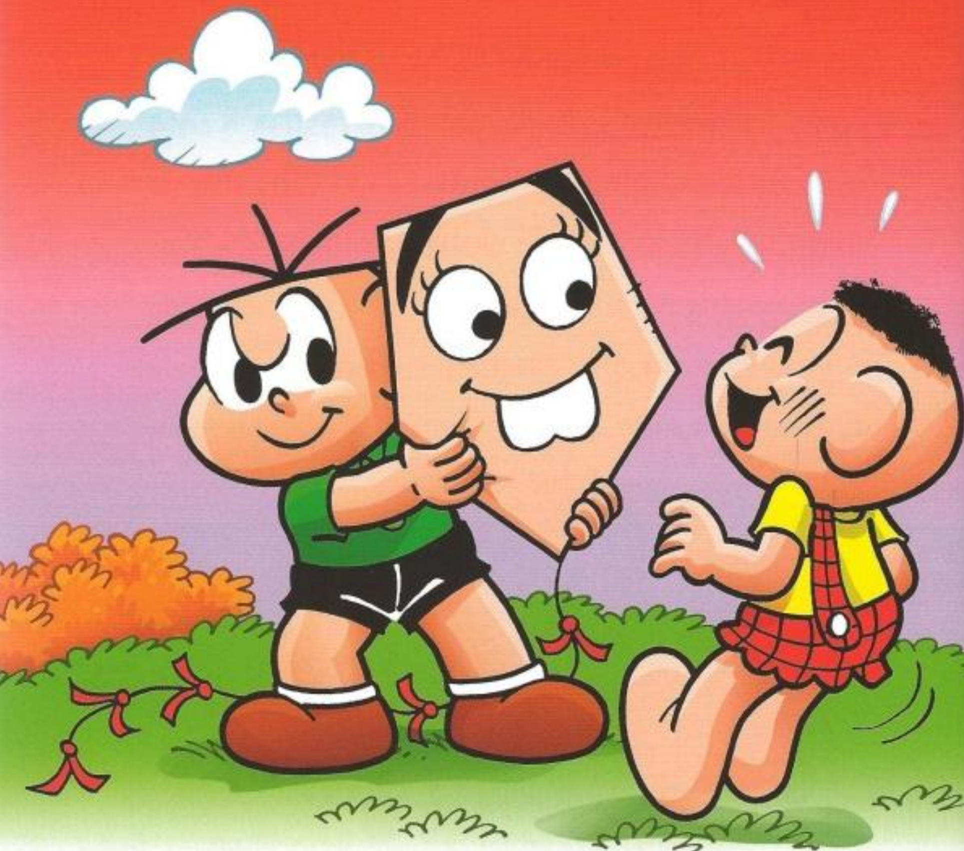
a linha firme, puxando para cima, querendo ir. É a pipa dizendo: "Me deixa ir um pouco mais..." Mas, se a linha responde frouxa, é a pipa dizendo que está sem companheiro, o vento foi embora, e ela quer voltar para casa.

Há pessoas que nunca brincaram com pipa e acham que é só cortar a linha para ela subir mais alto, nas costas do vento, sem nada que a segure. Mas não é assim. Quando a linha arrebenta, ela começa a cair. E vai caindo sempre, cada vez mais longe, triste, abanando a cabeça...



Quando eu era menino, eu me lembro, havia um homem... Justo quando as pipas estavam lá em cima, batizadas, carretilha sem mais linha para dar, ele vinha e comprava as pipas dos meninos. Pagava o preço justo. Só que o gosto dele era cortar a linha. E aí você já sabe, né?





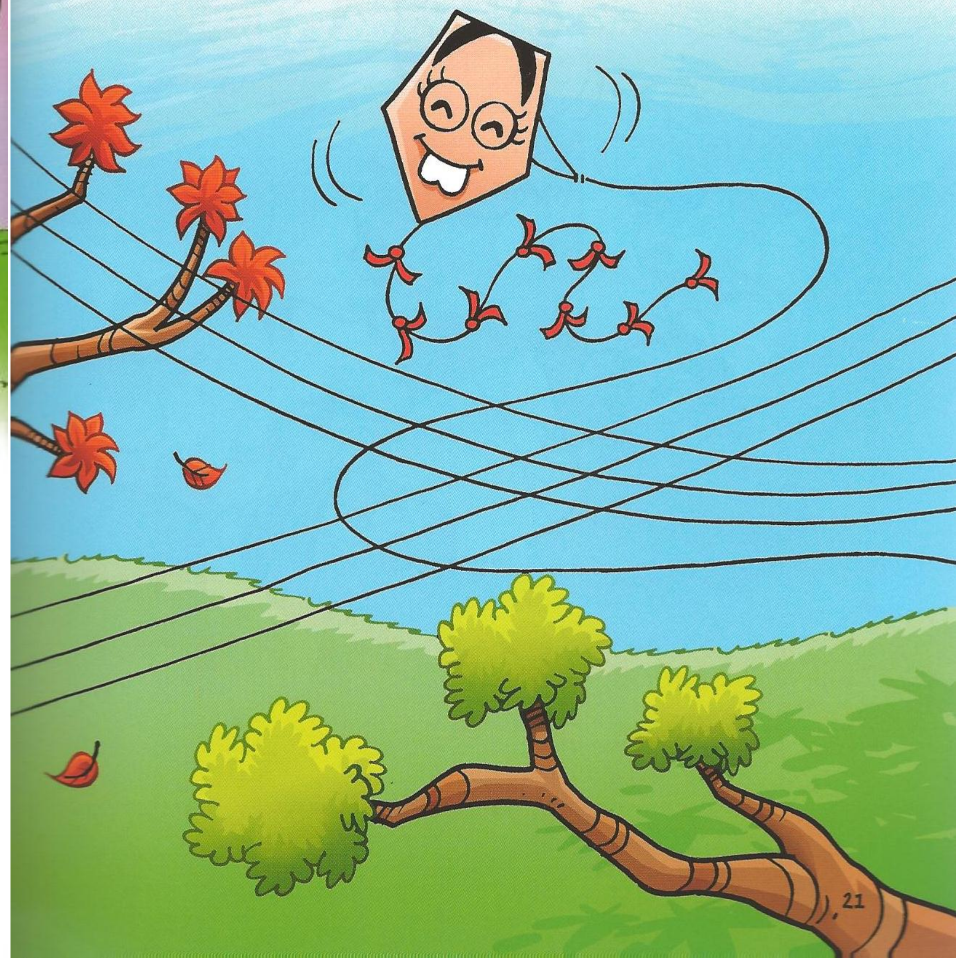
Pois é! Era uma vez uma pipa.

O menino que a fez estava alegre e imaginou que a pipa também estaria. Por isso fez nela uma cara risonha, colando tiras de papel de seda vermelho: dois olhos, um nariz, uma boca.

Ô pipa boa! Levinha, travessa, subia alto...

Gostava de brincar com o perigo, vivia zombando dos fios e dos galhos das árvores.

– Vocês não me pegam, vocês não me pegam!



E, enquanto ria, sacudia o rabo em desafio. Chegou até a rasgar o papel, num galho que foi mais rápido, mas o menino consertou, colando um remendo da mesma cor.



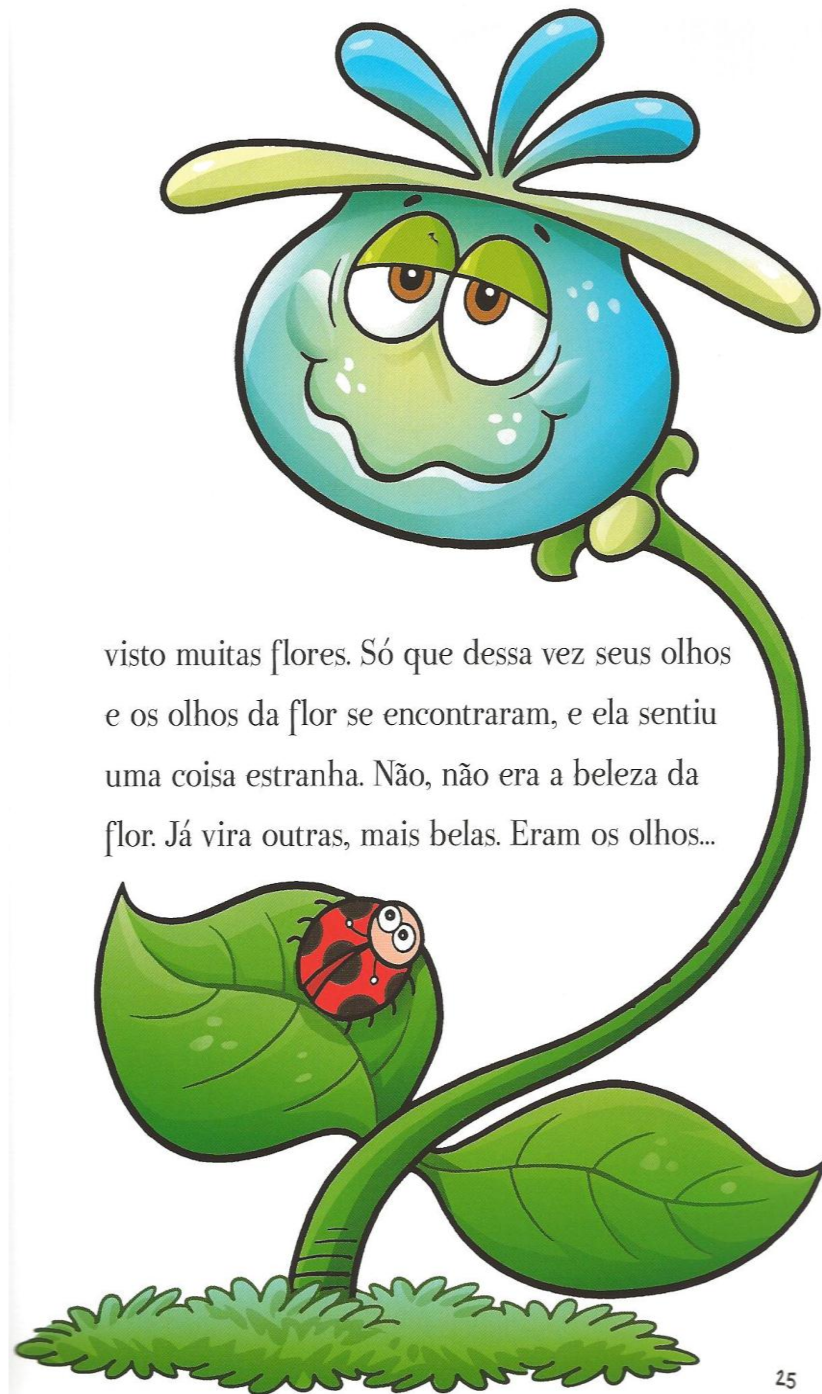
Amigos, a pipa tinha aos montões. E seus olhos iam agradando a todos eles, sempre com aquela risada gostosa, contando casos.



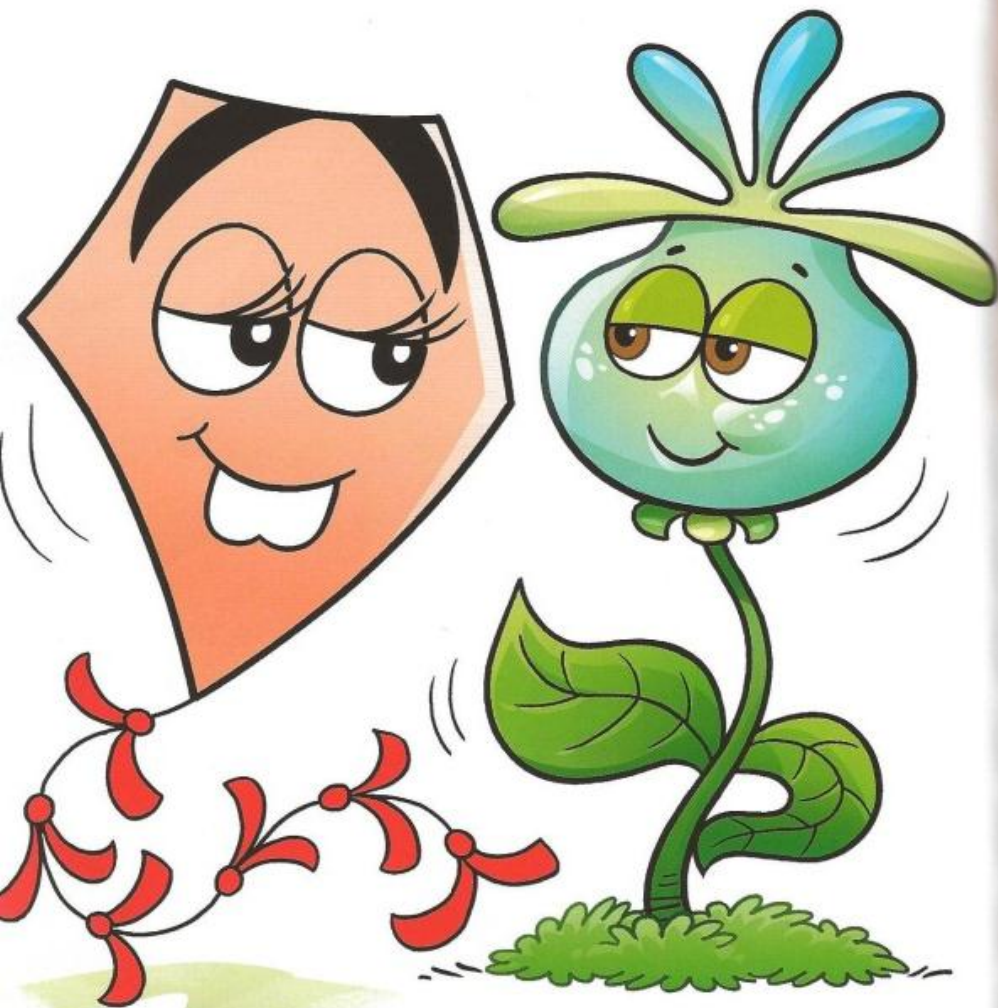


Mas aconteceu que, um dia, ela estava começando a subir, correndo de um lado para o outro no vento, quando olhou para baixo e viu, lá num quintal, uma flor. A pipa já havia

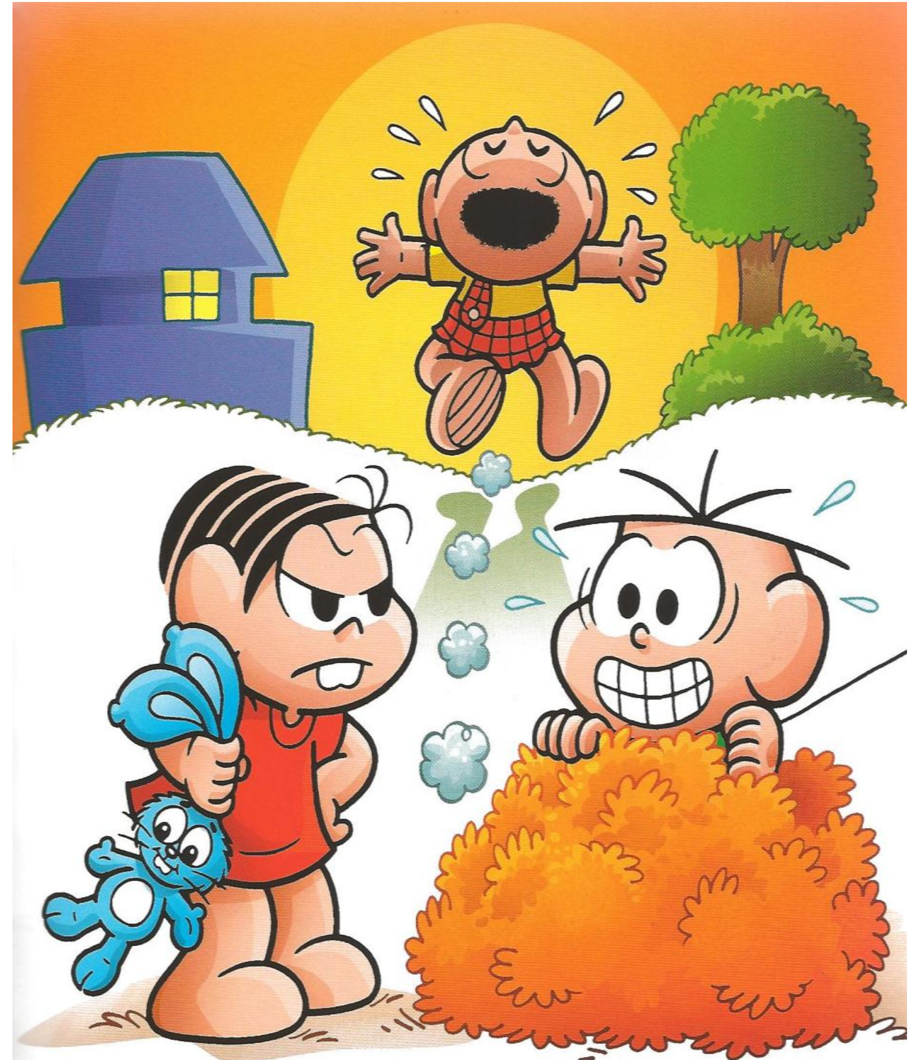




visto muitas flores. Só que dessa vez seus olhos e os olhos da flor se encontraram, e ela sentiu uma coisa estranha. Não, não era a beleza da flor. Já vira outras, mais belas. Eram os olhos...

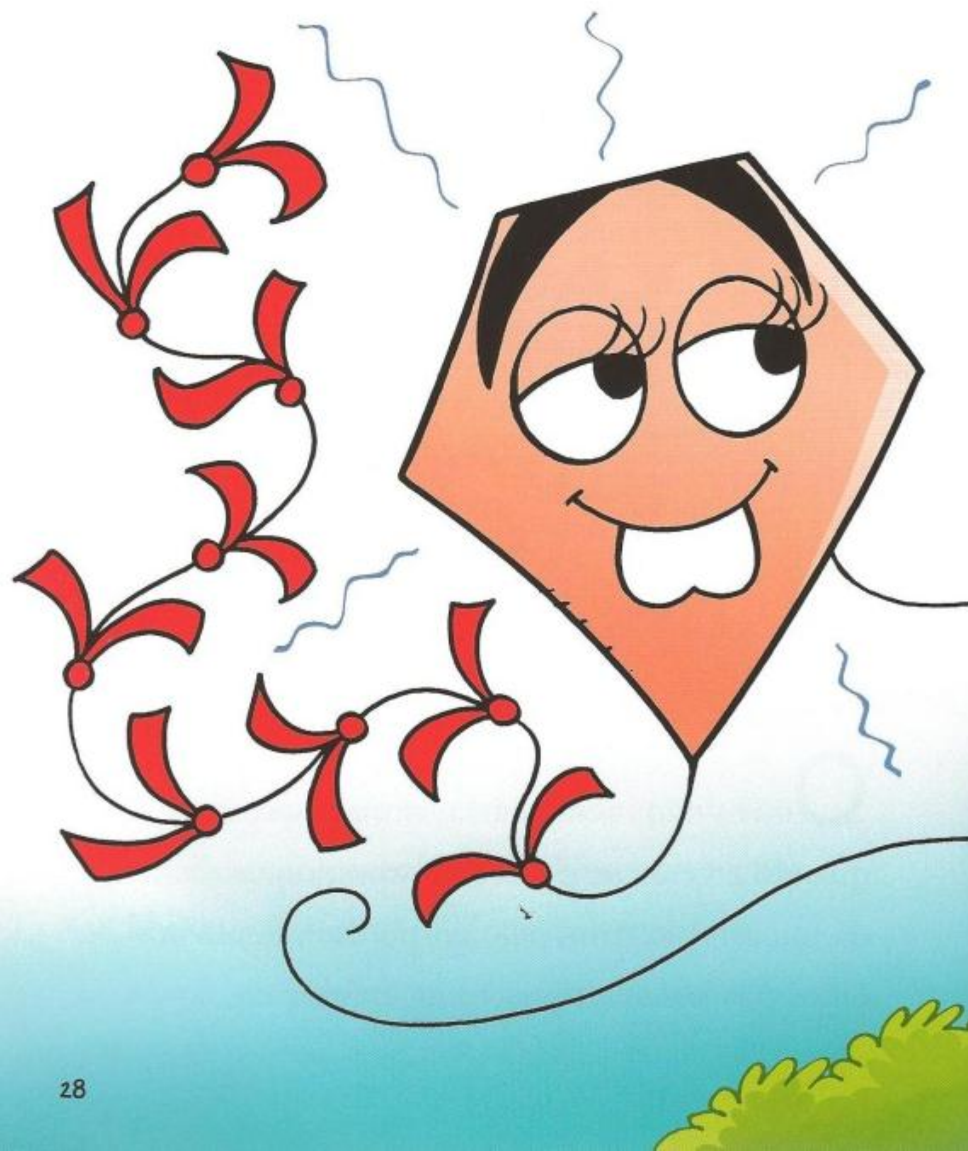


Quem não entende pensa que todos os olhos são parecidos, só diferentes na cor. Mas não é assim. Há olhos que agradam, acariciam a gente como se fossem mãos.

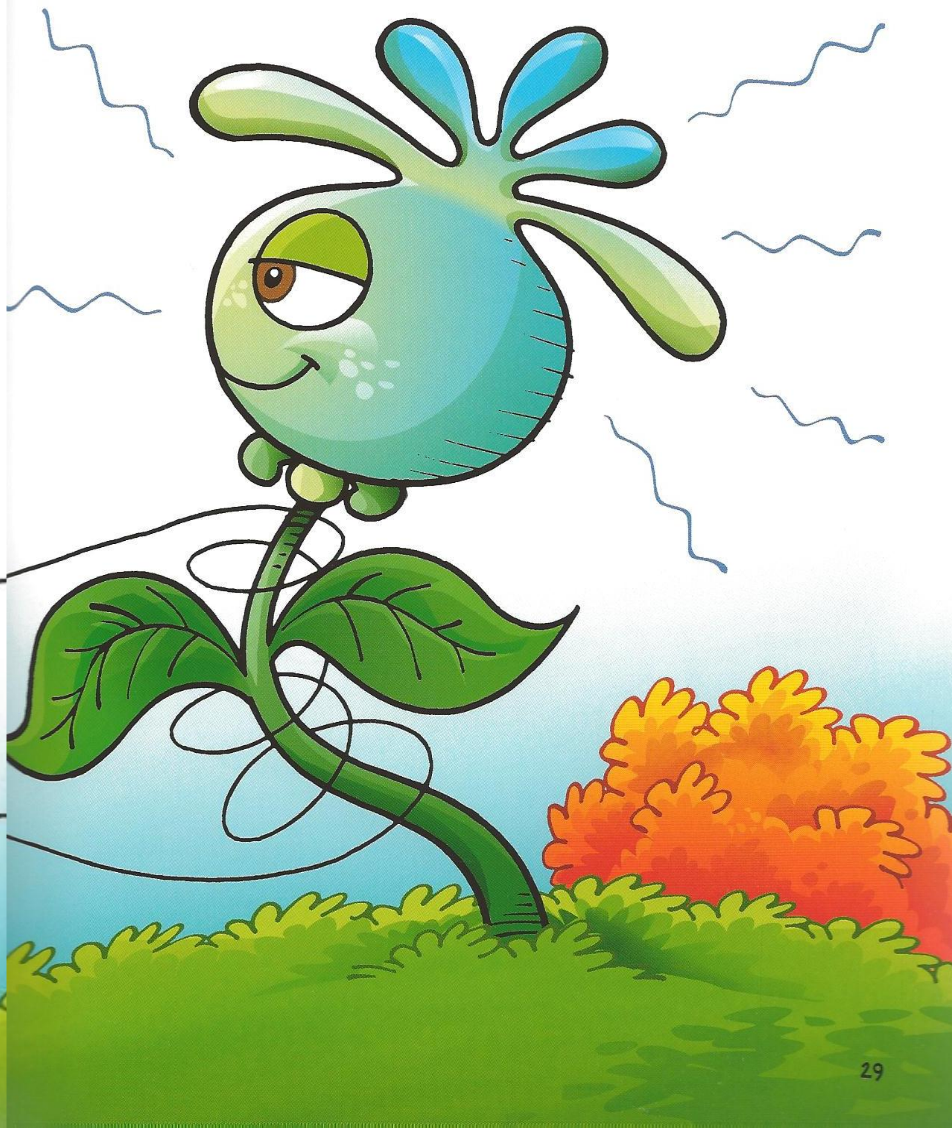


Outros dão medo, ameaçam, acusam. E, quando a gente se percebe encarado por eles, dá um arrepio ruim pelo corpo. Tem também olhos que colam, hipnotizam, enfeitiçam...

Foi isso que aconteceu com a pipa.
Ela ficou enfeitiçada. Não queria mais ser pipa.
Só queria uma coisa: fazer o que a florzinha



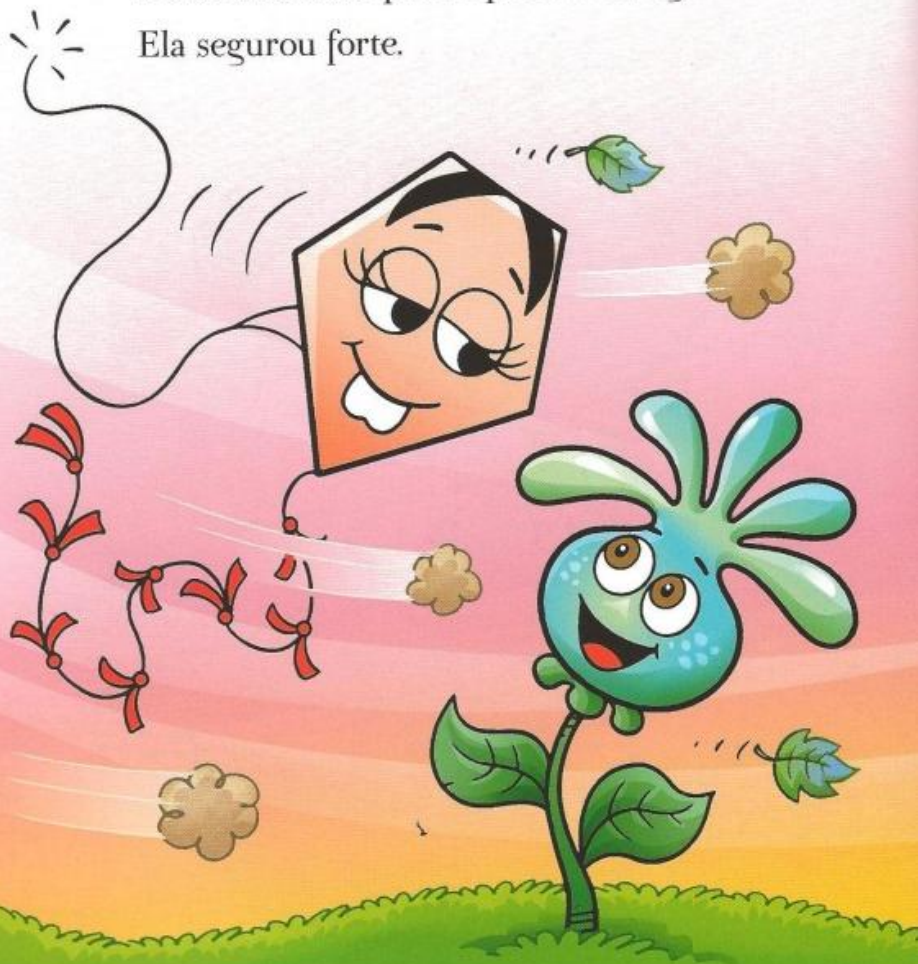
quisesse. Ah! Ela era tão maravilhosa.
Que felicidade se pudesse ficar de mãos dadas
com ela pelo resto de seus dias.



E assim resolveu mudar de dono. Aproveitando-se de um vento forte, deu um puxão repentino na linha, ela arrebentou e a pipa foi cair, devagarinho, ao lado da flor.

E deu sua linha para a florzinha segurar.

Ela segurou forte.



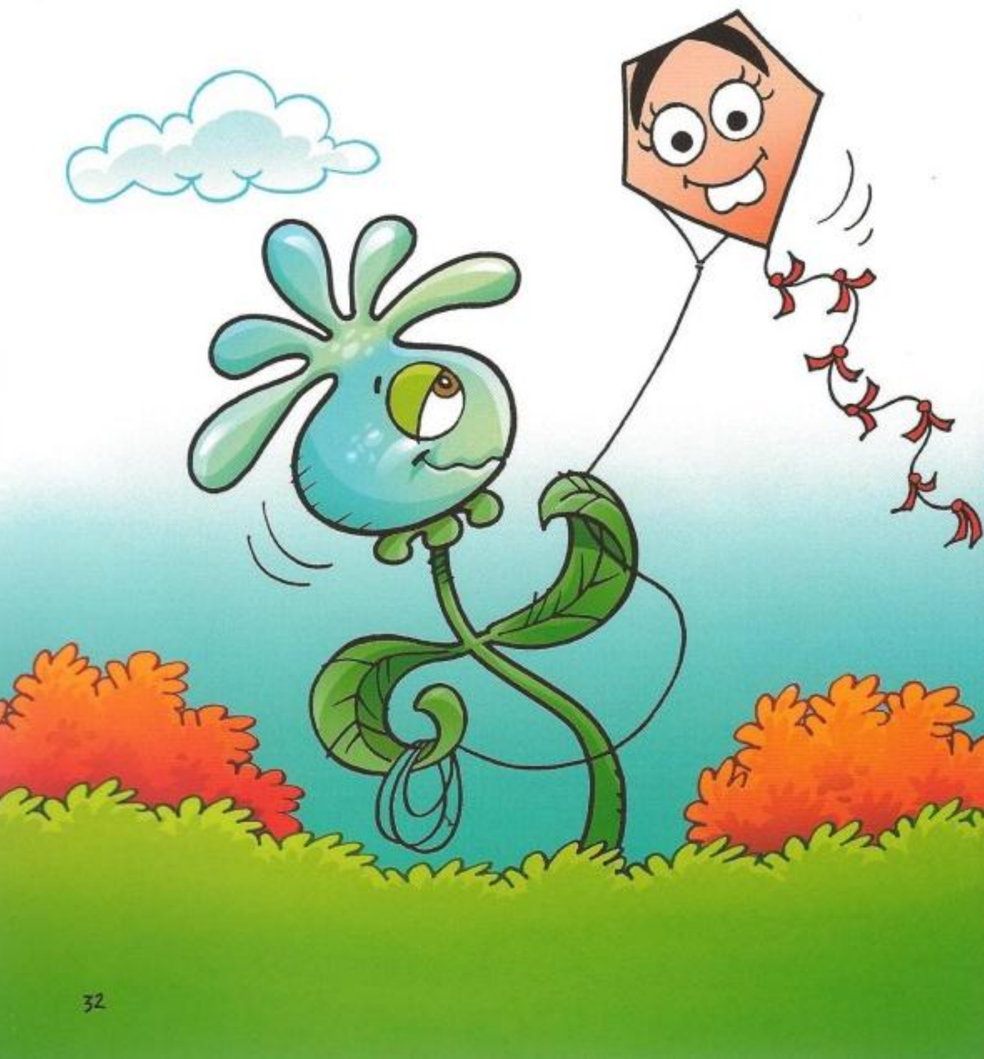


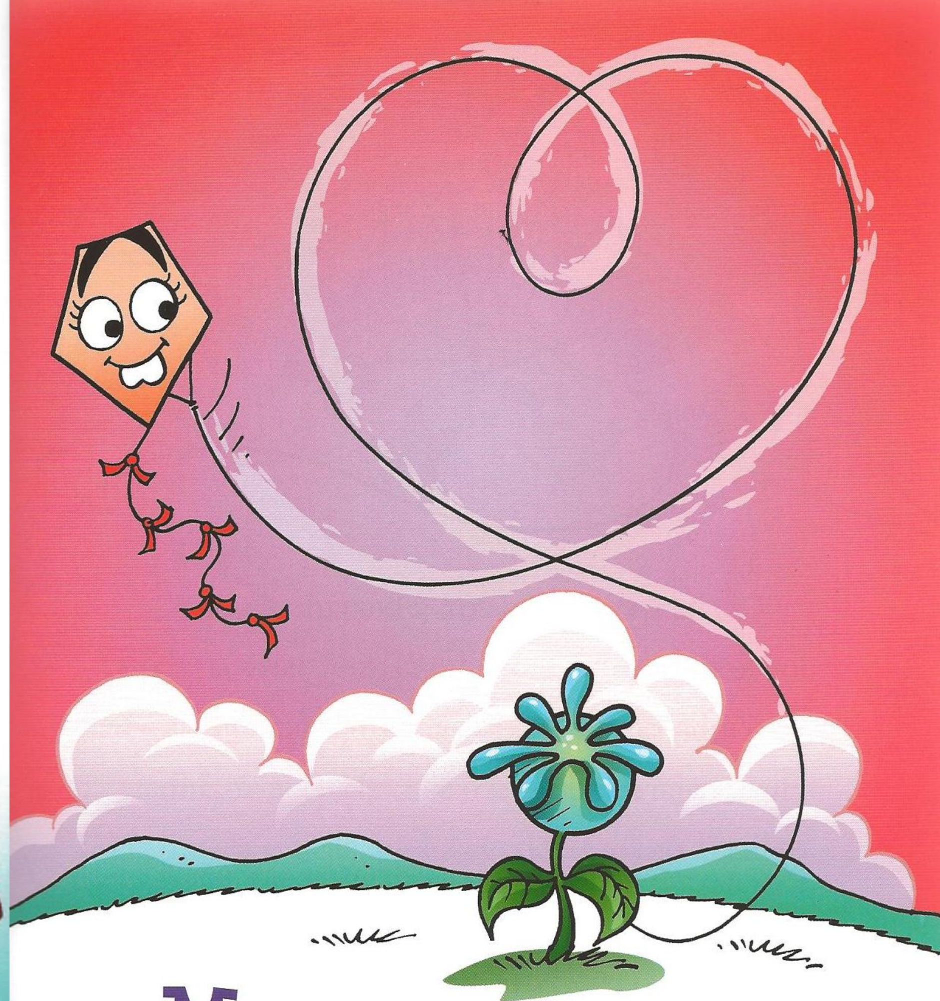
Agora, com sua linha nas mãos da flor, a pipa pensou que voar seria muito mais gostoso. Lá de cima conversaria com ela e ao voltar lhe contaria estórias para que ela dormisse. E pediu:

— Florzinha, me faz voar.

E a florzinha fez a pipa voar.

A pipa subiu bem alto e seu coração bateu feliz. Quando se está lá no alto, é bom saber que tem alguém esperando lá embaixo.





Mas a flor, aqui de baixo, percebeu que estava ficando triste. Não, não é que estivesse triste. Estava ficando com raiva. Que injustiça que a pipa pudesse voar tão alto, e ela tivesse de ficar plantada no chão. E teve inveja da pipa.



Tinha raiva ao ver a felicidade da pipa, longe dela...

Tinha raiva quando via as pipas lá em cima, tagarelando entre si. E ela, flor, sozinha, deixada de fora.

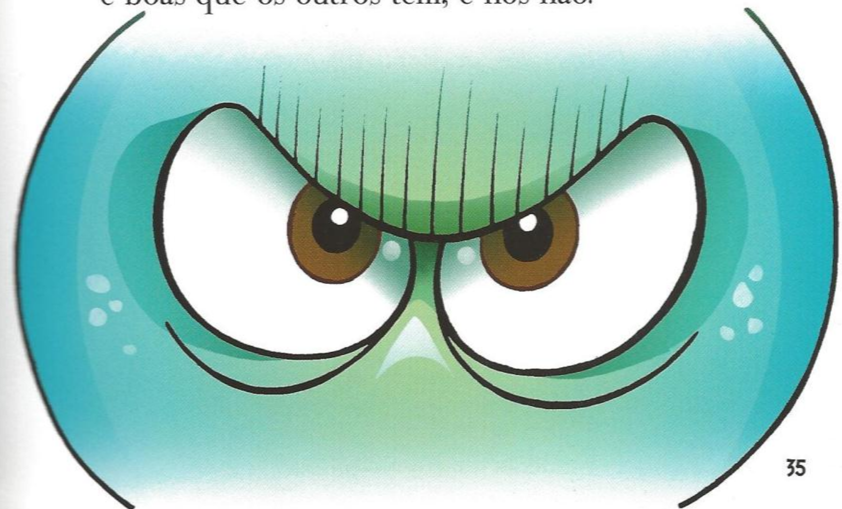




"Se a pipa me amasse de verdade, não poderia estar feliz lá em cima, longe de mim. Ficaria o tempo todo aqui comigo..."

E à inveja juntou-se o ciúme.

Inveja é ficar infeliz vendo as coisas bonitas e boas que os outros têm, e nós não.



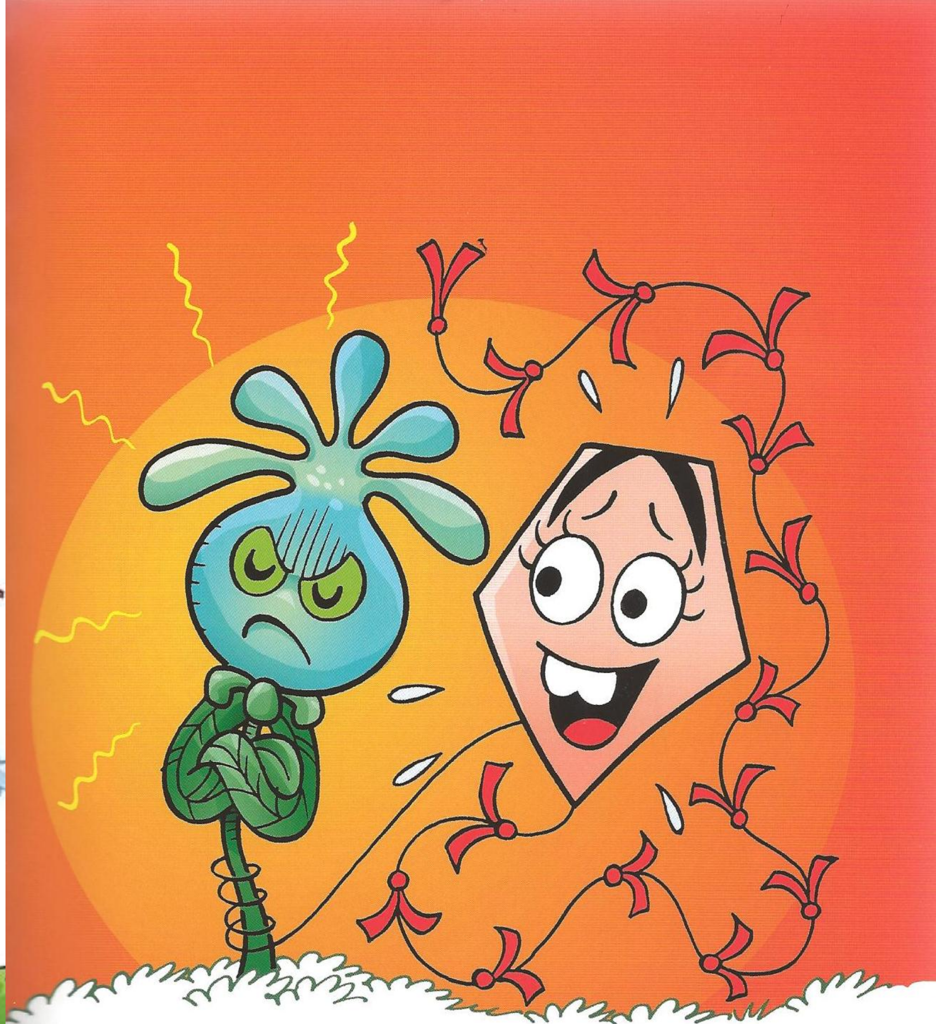
Ciúme é a dor que dá quando a gente imagina a felicidade do outro, sem que a gente esteja com ele.

E a flor começou a ficar malvada.

Ficava emburrada quando a pipa chegava.

Exigia explicações de tudo.





E a pipa começou a ter medo de ficar feliz, pois sabia que isso faria a flor sofrer.

E a flor foi, aos poucos, encurtando a linha.

A pipa não podia mais voar.

Via, ali do baixinho, de sobre o quintal (essa era toda a distância que a flor lhe permitia voar), as outras pipas, lá em cima...

E sua boca foi ficando triste. E percebeu que já não gostava tanto da flor, como no início...



Esta estória não terminou. Está acontecendo bem agora, em algum lugar...

E há três jeitos de escrever o fim.

Você é quem vai escolher.



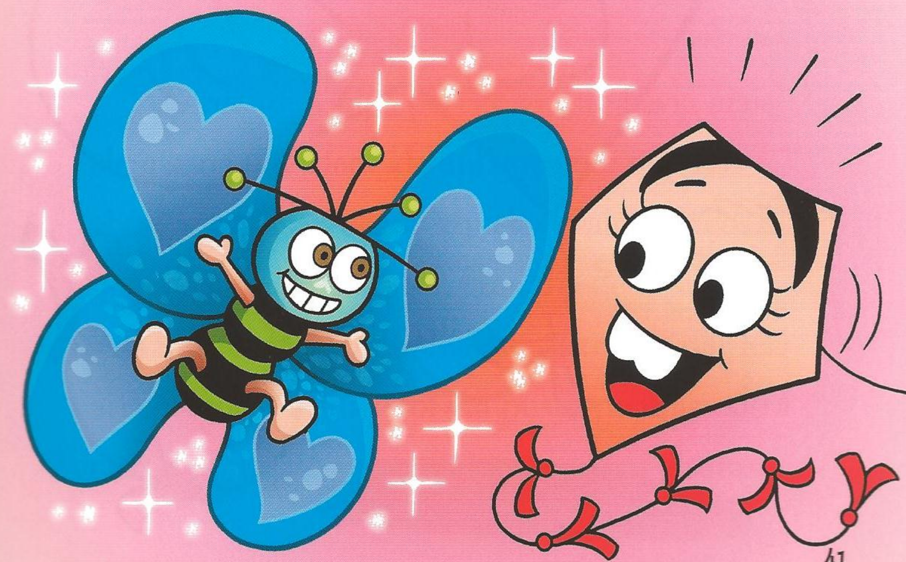


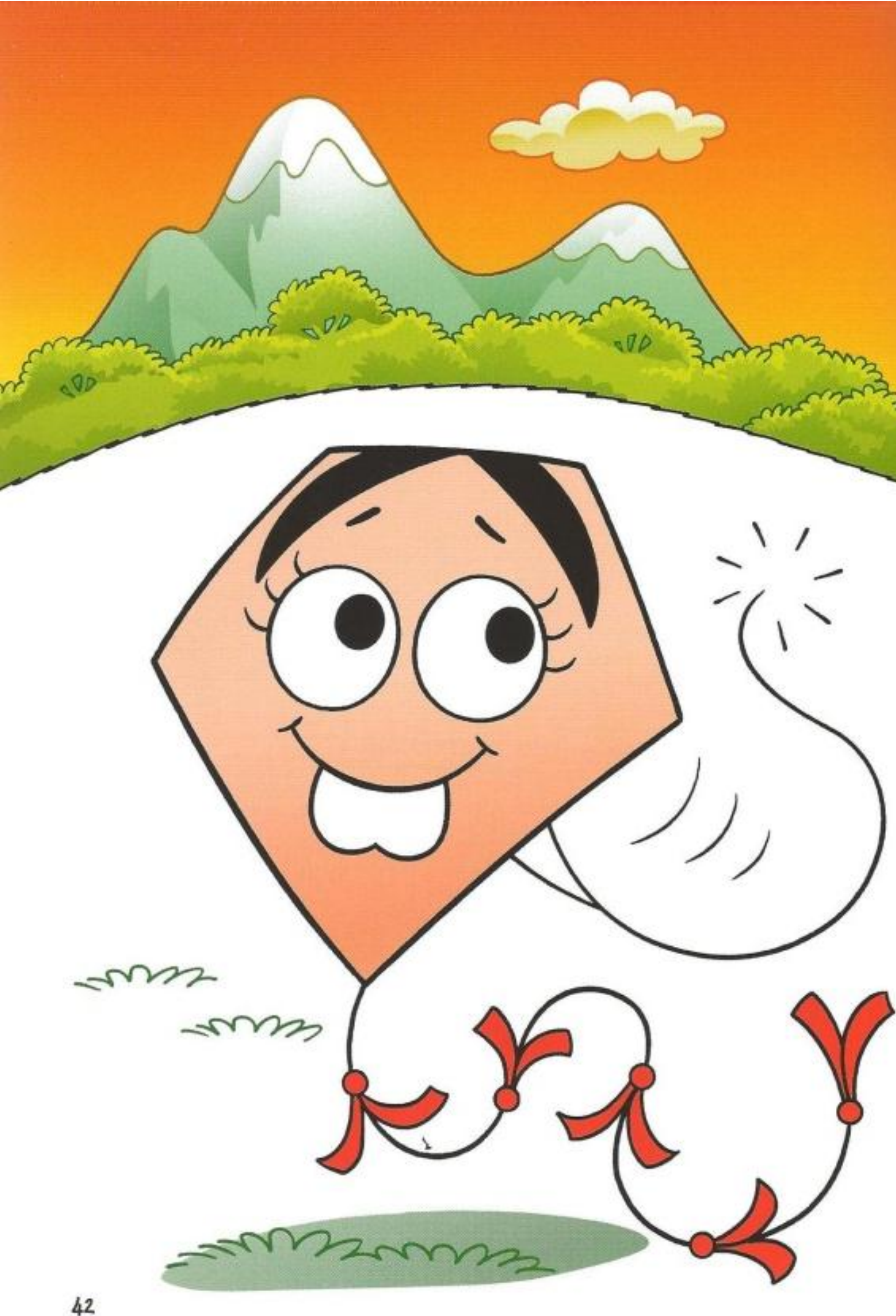
Primeiro: A pipa ficou tão triste que resolveu nunca mais voar.

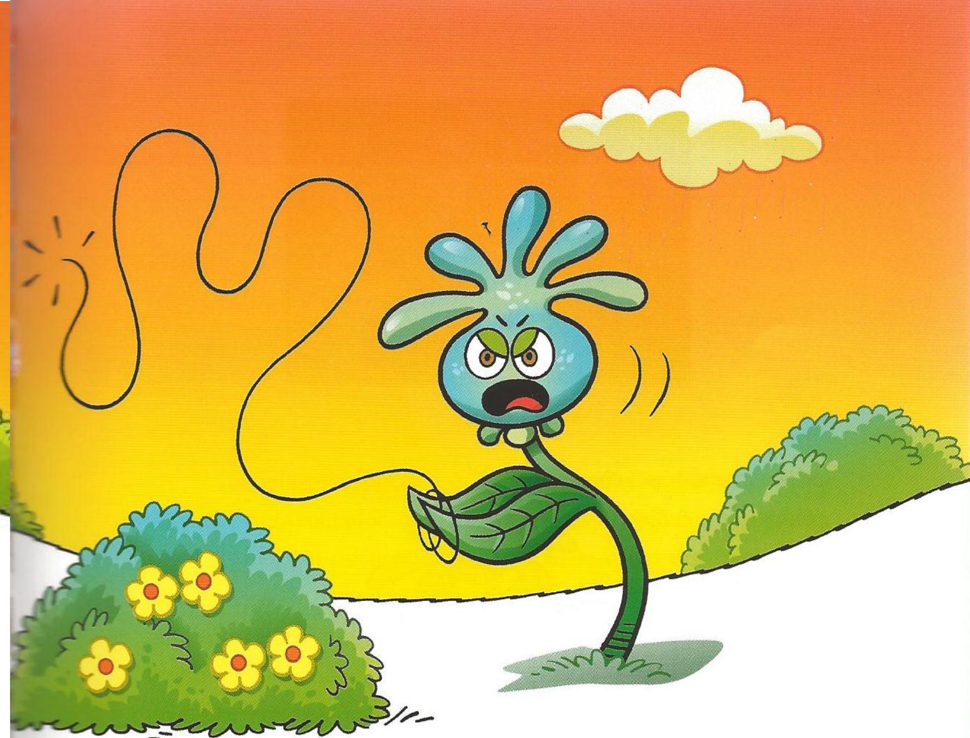
– Não vou te incomodar com meus risos, flor, mas também não vou te dar a alegria do meu sorriso.

E assim ficou, amarrada junto à flor, mas mais longe dela do que nunca, porque seu coração estava em sonhos de voos e nos risos de outros tempos.

Segundo: A flor, na verdade, era uma borboleta que uma bruxa má havia enfeitiçado e condenado a permanecer fincada no chão. O feitiço só se quebraria no dia em que ela fosse capaz de dizer não à inveja e ao ciúme, e se sentisse feliz com a felicidade dos outros. E aconteceu que um dia, vendo a pipa voar, ela se esqueceu de si mesma por um instante e ficou feliz ao ver a felicidade da pipa. Quando isso aconteceu, o feitiço se quebrou e ela voou, agora como borboleta, para o alto, e as duas, pipa e borboleta, puderam brincar juntas.







Terceiro: A pipa percebeu que havia mais alegria na liberdade de antigamente que nos abraços da flor. Porque aqueles eram abraços que amarravam. E assim, num dia de grande ventania, e se valendo de uma distração da flor, arrebentou a linha e foi em busca de uma outra mão que ficasse feliz vendo-a voar nas alturas...